



O Prazer em estar na Escola: A Gala de Cinema na Aula

Pleasure to be at School: The Cinema Festival in the Classroom

Teresa Martins*, Teresa Pessoa**

*Agrupamento de Escolas de Soure, **Universidade de Coimbra, Portugal

Resumo

Numa era tecnológica de crise global, pouco favorável ao valor de educar, é urgente despertar o prazer em estar na escola. Esta investigação-ação, desenvolvida numa escola portuguesa da zona centro em 2012/ 2013 e 2013/ 2014, consiste num trabalho de reflexão sobre a prática relativamente à utilização pedagógica do vídeo pelos alunos, como fonte de despertar o prazer em estar na escola. Em cada ano os alunos organizaram uma Gala de Cinema para disseminar os produtos finais junto da comunidade educativa. A análise SWOT dos depoimentos dos alunos permitiu identificar as vantagens e desvantagens (cognitivas, afetivas, tempo, esforço).

Palavras-chave: aprendizagem do inglês, vídeo, prazer, autonomia

Abstract

At a technological age of global crisis, which is not very favourable to the value of education, it is urgent to awake the pleasure to be at school. The current action-research study developed in a Portuguese school from the centre of Portugal, in 2012/ 2013 and 2013/ 2014, is a reflection on the pedagogical use of video by students, as a source of awakening the pleasure to be at school. Every year the students organized a Cinema Festival to disseminate their final products among the school community. The SWOT analysis of the students' reports identified the advantages and disadvantages (cognitive, affective, time, effort).

Keywords: learning English, video, pleasure, autonomy

Introdução

As escolas portuguesas têm vindo a sofrer de uma “compressão do tempo e do espaço” (Hargreaves, 1998), numa era tecnológica de crise global pouco favorável ao valor de educar, na qual a escola inclusiva, o ensino formal de qualidade e os agentes educativos são muitas vezes desvalorizados. “A escola pública portuguesa tem sido submetida nos últimos anos a uma multiplicidade de medidas e programas reformadores com implicações visíveis aos níveis da sua organização e administração, das relações laborais e das identidades profissionais dos professores, do clima de trabalho e das metodologias pedagógicas, da reconfiguração das relações de poder e dos perfis de liderança, entre outras dimensões pertinentes” (Torres, 2008, p.77). Barroso (2005) considera que a escola, ultrapassando a sua função original de educação e instrução, passa a ser chamada a responder aos apelos da sociedade civil com a massificação do ensino e a manutenção do modelo escolar de “ensinar a muitos como se fosse um só”. A escola pós-moderna globalizada continua a focar a sua atenção nos conteúdos, exames, *rankings* (como fazer) e

dificilmente responde aos desafios da sociedade atual (para que ensinar), como refere Brandão (2003). Todos estes condicionalismos, que levam educadores e alunos a passarem cada vez mais tempo das suas vidas no recinto escolar, têm contribuído para a desmotivação generalizada, tornando-se assim premente despertar o prazer em estar na escola.

Raposo (2012) adverte que o principal desafio do professor da era pós-moderna consiste na redescoberta de metodologias de despertar o prazer em estar na escola e de aprender. Marcelino (1997) defende que a vertente lúdica é uma aliada da criatividade, pois o jogo fomenta a reflexão, problematização, diálogo e posicionamento crítico do aluno. A utilização de recursos audiovisuais em contexto educativo contribui para fomentar a motivação de alunos e professores para os conteúdos programáticos que estão a ser lecionados (Bassili, 2006). O Prazer em estar na Escola: A Gala de Cinema na Aula surge da combinação da vertente lúdica no processo de ensino-aprendizagem com a utilização pedagógica do vídeo num contexto de “nativos digitais”, fascinados pela imagem, vídeo, som, utilização das tecnologias da informação, em detrimento de leituras e de uma metodologia mais expositiva.

“Os nossos alunos mudaram radicalmente. Já não são os mesmos para os quais o nosso sistema de ensino foi concebido para ensinar” (Marc Prensky, 2001, p.1). Na verdade, a geração nascida a partir da década de 90 do século XX, “Nativos Digitais”, cresceu numa era de rápida difusão da tecnologia digital – computadores, videojogos, câmaras de vídeo, telemóveis, Internet – processando a informação de forma diferente das gerações anteriores, designadas por “Imigrantes Digitais”, nomeadamente os seus professores. O desafio da escola de hoje consiste na tomada de consciência de que os intervenientes e o contexto educativo mudaram, o que requer uma nova forma de pensar. Os alunos, “Nativos Digitais”, sentem dificuldade de concentração e de motivação numa sala de aula que utilize predominantemente a linguagem da era pré-digital. Prensky (2012) defende que os jovens precisam de competências e ferramentas que lhes permitam ser bons alunos mas também melhores pessoas, devidamente equipadas para enfrentar os desafios da vida real e do mundo em rápida evolução, o qual se distancia do passado. Isto requer que a escola do século XXI integre meta-competências como a promoção do pensamento crítico, a resolução de problemas, vídeo e programação, tal como até aqui tem incluído a leitura e a escrita. A sala de aula já não é um espaço em que o professor expõe a matéria e os alunos escutam e tiram apontamentos. Em

parceria, os alunos encontram informação, usam a tecnologia e outros recursos, e criam produtos que demonstrem a sua compreensão das matérias em estudo. Os professores fazem as perguntas certas, asseguram a qualidade e rigor e acrescentam contexto adequado (Prensky, 2012). A educação deveria fomentar a criatividade dos alunos, em todas as disciplinas e áreas de interesse, com as ferramentas ao seu alcance, de forma a permitir o desenvolvimento de produtos finais com criatividade e competência e a respetiva divulgação. O vídeo será uma dessas ferramentas.

Nos últimos anos, as escolas têm sido equipadas com tecnologias que nem sempre estão a ser rentabilizadas da melhor forma. O vídeo não é exceção. Em primeiro lugar, este facto deve-se à falta de formação dos docentes para o utilizar na sala de aula. Por vezes, a formação limita-se à componente tecnológica, negligenciando as potencialidades pedagógicas do vídeo. Há que aprender a rentabilizá-lo de forma eficaz, utilizando-o como um meio propício a uma aprendizagem mais dinâmica, contextualizada e centrada no aluno/ formando, tendo em vista o sucesso nas aprendizagens (Caldas & Silva, 2001; Ferrés, 1995; Ferrés, 1998). Qualquer jovem pode produzir pequenos vídeos no seu portátil, telemóvel ou iPad e partilhá-los no YouTube, Facebook, Google Vídeos ou Yahoo Vídeos (Prensky, 2001; Silva, 2010). Em contexto escolar formal, os alunos já começam a tratar os temas abordados em fotovídeos, documentários ou curta-metragens de sua autoria (Volpato, 2012), mas quase sempre a edição é muito dirigida pelo professor. Tanto na didatização como na produção de filmes o papel do aluno na aprendizagem tem sido diminuto. A investigação que analisa o processo de ensino/aprendizagem com recurso ao vídeo, apresentando diversas abordagens eficazes, tem emergido, mas também sugere a necessidade de se continuar a explorar esta área de estudo.

Tendo como ponto de partida o enquadramento teórico relativamente às dinâmicas atuais da escola que têm contribuído para a motivação e desmotivação de alunos e professores e o papel do vídeo em educação, passaremos, de seguida, a contextualizar e a descrever o estudo.

Metodologia

O presente estudo empírico insere-se no paradigma de investigação qualitativa, de carácter exploratório e interpretativo, privilegiando a utilização do vídeo como processo (Ferrés, 1997). Relativamente aos objetivos, a presente investigação visa, de um modo geral, compreender de forma crítica a utilização pedagógica do vídeo. Os objetivos específicos consistem em descrever percursos pedagógicos mediados pelo vídeo; caracterizar o contributo do vídeo para despertar o prazer em estar na escola; identificar as dimensões do quotidiano e vivências dos alunos na construção de filmes e reconhecer as implicações das aprendizagens mediadas pelo vídeo na motivação dos alunos e na promoção da reflexão crítica.

Em 2012/ 2013 e 2013/ 2014 procurámos “ver com olhos de ver” a produção de vídeos pelos próprios alunos, em língua inglesa com legendagem em português, que

vínhamos promovendo desde 2005/ 2006, numa parceria transdisciplinar desenvolvida no âmbito do Programa Sócrates, Comenius 1, intitulada “Encontros Europeus – Partilha de Experiências”, cujos produtos finais eram videogramas desenvolvidos pelas respetivas escolas parceiras. Esta base de trabalho constituiu a génese da presente investigação alicerçada no Estudo A – Gala de Cinema de 10º ano – e Estudo B – Gala de Cinema de 11º ano – de 2012/ 2013 a 2013/ 2014. Em cada ano, os alunos organizaram uma Gala de Cinema para mostrar os seus filmes à comunidade educativa. De 2005 a 2012 foram concluídos 31 filmes de 10º ano (196 alunos). Em 2012/ 2013 foram produzidos 6 filmes (30 alunos) e em 2013/ 2014 foram produzidos 6 filmes (36 alunos), conforme a tabela 1.

Tabela 1.
Filmes de 10º Ano

Ano Letivo	Nº de Filmes	Nº de Alunos
2005/ 06	1	6
2006/ 07	4	17
2007/ 08	4	25
2008/ 09	5	46
2009/ 10	6	70
2010/ 11	6	15
2011/ 12	5	17
2012/ 13	6	30
2013/ 14	6	36
TOTAL	43	262

De 2005 a 2012 foram produzidos 57 filmes de 11º ano (259 alunos). Em 2012/ 2013 foram realizados 6 filmes (18 alunos) e 5 *spots* publicitários (12 alunos). Em 2013/ 2014 foram concluídos 2 filmes e 5 *spots* publicitários (12 alunos). Em 2014/ 2015 foram realizados 9 *spots* publicitários (21 alunos), como se vê na tabela 2.

Tabela 2.
Filmes de 11º Ano

Ano Letivo	Nº de Filmes	Nº de Alunos
2005/ 06	4	15
2006/ 07	6	32
2007/ 08	8	39
2008/ 09	9	60
2009/ 10	9	53
2010/ 11	15	41
2011/ 12	6	19
2012/ 13	11	30
2013/ 14	7	12
2014/ 15	9	21
TOTAL	84	322

No Estudo A estiveram envolvidos 66 alunos (33 raparigas e 33 rapazes) como se comprova na tabela 3.

Tabela 3.
Sujeitos do Estudo A – Gala de Cinema 10º Ano

Ano Letivo	Raparigas	Rapazes	TOTAL
2012/ 2013	13	17	30
2013/ 2014	20	16	36

No Estudo B estiveram envolvidos 48 alunos (26 raparigas e 22 rapazes) como se comprova na tabela 4.

Tabela 4.

Sujeitos do Estudo B – Gala de Cinema 11º Ano

Ano Letivo	Raparigas	Rapazes	TOTAL
2012/ 13	20	16	36
2013/ 14	6	6	12

Os instrumentos de recolha de dados consistiram em notas de campo relativamente à observação de comportamentos e atitudes dos alunos bem como à evolução do processo em curso; guiões dos filmes redigidos em português com tradução das falas em inglês; fichas técnicas dos filmes com indicação do material utilizado, local das filmagens, distribuição das tarefas e sinopse; os próprios filmes realizados pelos alunos; recolha de depoimentos dos alunos que participaram no estudo de 2012 a 2014 para avaliação do grau de satisfação.

No tratamento dos dados procedeu-se à análise de conteúdo fílmico pelo processo de categorização. Foi construída uma matriz de análise que contempla: ano letivo; ano de escolaridade/ turma; nome/ género de filme; temas abordados; número de alunos participantes. A análise SWOT dos depoimentos dos alunos permitiu identificar as vantagens (cognitivas/ afetivas) e desvantagens (afetivas, tempo, esforço).

Resultados

Da análise do conteúdo fílmico das Galas de Cinema de 10º e 11º de 2012 a 2014 resultaram 6 matrizes com a designação de Listagens de Filmes 10º Ano 2012/ 2013 e 2013/ 2014; Listagens de Filmes 11º Ano 2012/ 2013 e 2013/ 2014 e 3 Listagens de *spots* publicitários de 2012 a 2015, respetivamente. Consta-se que há preocupações comuns nos filmes de 10º ano subordinados ao tema aglutinador “Ser Jovem: Pensar os Valores”: comportamentos de risco (álcool, toxicodependência, gravidez na adolescência), distúrbios alimentares, violência doméstica, bullying. No 11º ano, os alunos refletem sobre temas ambientais “O Homem é poderoso mas a Natureza o é mais. Concordas?” Os jovens de 11º ano partilham a sua preocupação com as mudanças climáticas, fogos florestais, poluição. No 11º ano, os jovens também produzem *spots* publicitários comerciais e institucionais. Após a produção de filmes, os alunos procederam à respetiva auto e heteroavaliação, tendo escolhido o melhor filme de cada ano na Gala de Cinema, ou por sua opção, na ausência de uma apresentação pública dos filmes à comunidade, a votação foi efetuada na sala de aula.

Da análise SWOT, os alunos salientam, como vantagens de natureza cognitiva, que a produção de filmes contribui para promover a aprendizagem a nível da utilização das tecnologias audiovisuais mediadas pelo vídeo; dos conteúdos programáticos, bem como da língua inglesa tanto na sua competência linguística como oral. São destacadas as seguintes vantagens de natureza afetiva: motivação, criatividade e autonomia; melhoria das relações interpessoais; satisfação com o processo de

ensino-aprendizagem; utilidade para o futuro; vontade de repetir a experiência. Apesar de existir um número superior de unidades de registo abrangendo as vantagens, são apontados os seguintes constrangimentos: duração da tarefa; falta de disponibilidade; esforço.

Discussão

As experiências efetuadas com a produção de vídeos, acima descritas, constituíram uma mais-valia tanto para os alunos como para os professores envolvidos, tendo sido atingido os objetivos delineados. A produção de vídeos é benéfica para o aprendente de língua estrangeira que tem a oportunidade de visualizar e corrigir o seu desempenho (Gromik, 2008; Levy & Kennedy, 2004). A produção de filmes em inglês fomentou a autonomia dos alunos que, em trabalho de grupo, pesquisaram um tema e o desenvolveram em suporte de vídeo (Wenden, 2002). Discutir temas de interesse dos próprios alunos por meio de histórias fictícias é motivador, pois torna mais fácil os jovens refletirem sobre situações hipotéticas para depois pensarem em situações reais, gerando assim um envolvimento maior (Volpato, 2012). Importa, contudo, realçar o processo em si e não apenas a qualidade dos conteúdos produzidos, pois o “vídeo-processo” contribui para uma aprendizagem dinâmica, na qual os alunos desempenham um papel ativo e criativo na pesquisa de informação, gravação e edição de produtos audiovisuais (Ferrés, 1997). O vídeo didático transforma a escola num centro não apenas focado na simples transmissão de saberes, mas também com o conhecimento completo por contemplar vários tipos de experiências: conhecimentos, sensações, emoções, atitudes, intuições (Ferrés, 1995; Prensky, 2012).

No entanto, não podemos omitir os contratempos que surgem em projetos desta natureza. Fonseca (1995) afirma que a força comunicativa dos audiovisuais supera os obstáculos que possam surgir ao longo da caminhada: dificuldades de edição ou falta de tempo; o professor dinamizador pode não dominar as técnicas audiovisuais; nem todas as escolas dispõem de recursos suficientes para o desenvolvimento desta atividade, o que compromete a qualidade do trabalho produzido, nomeadamente a nível do som e da imagem; com o aumento de alunos por turma e do tempo de permanência na escola, a correção de guiões e a orientação dos alunos ao longo de todo o processo de realização e edição do vídeo exige uma sobrecarga ao trabalho inerente à docência.

Deixamos algumas questões que poderiam servir de objeto de estudo para futuras intervenções desta natureza:

- De que forma o vídeo está organizado e é utilizado na aula de língua estrangeira nas escolas portuguesas?
- Qual a importância do vídeo na escola portuguesa do século XXI?
- Dos Nativos Digitais à Sabedoria/ Cidadania Digital em Portugal: Será possível em tempo de crise? Como?

Para terminar este trabalho, não podemos deixar de salientar que o vídeo poderá constituir uma mais-valia

em futuras práticas de Supervisão Pedagógica, tanto para professores como para alunos. A auto e a heteroavaliação ajudam a refletir sobre as práticas e aperfeiçoá-las. O acompanhamento que os professores dão à elaboração dos guiões, às filmagens e edição contribui para um trabalho colaborativo entre docentes e discentes, o que desperta o prazer em estar na escola. O vídeo promove o “olhar com olhos de ver para ajudar a crescer”, isto é, encarar os temas com outra perspetiva, de fora para dentro e aprender com eles.

Referências

- Barroso, J. (2005). Políticas Educativas e Organização Escolar. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bassili, J. N. (2006). Promotion and Prevention Orientations in the Choice to Attend Lectures or Watch Them Online. *Journal of Computer Assisted Learning*, 22, (pp. 444-455).
- Brandão, V. (2003). A Escola do Prazer: O lazer numa instituição voltada para obrigações. *Anais do VII EnFEFE – Encontro Fulminense de Educação Física Escolar*. Universidade Federal Fluminense. Niterói - R.J., 25-28.
- Caldas, J. M. & Silva, B. D. (2001). O vídeo na escola em Portugal. *Atas do VI Congresso Galaico-Português de Psicopedagogia*. Braga: Centro de Estudos em Educação e Psicologia da Universidade do Minho, I, 383-394.
- Ferrés, J. (1995). Vídeo e Educação. Porto Alegre: Artes Médicas Sul Ltda.
- Ferrés, J. (1997). Vídeo y educación. Barcelona: Editora Laia.
- Ferrés, J. (1998). El vídeo en el aula. *Comunicación y pedagogía: Nuevas tecnologías y recursos didácticos*, 154, 46-49.
- Fonseca, C. (1995). A Noética do Vídeo Etnográfico (pp.187-206). *Horizontes Antropológicos*, 2, ano 1. Porto Alegre: Porto Alegre.
- Gromik, N. (2008). Windows Movie Maker in the English as a Foreign Language Class. Disponível em: http://www.innovateonline.info/pdf/vol1_issue1/Video_Game_Studies_and_the_Emerging_Instructional_Revolution.pdf Consultado em 27/ 05/ 2013.
- Hargreaves, A. (1998). Os professores em tempos de mudança: O trabalho e a cultura dos professores na idade pós-moderna. Alfragide: McGraw Hill.
- Levy, M. & Kennedy, C. (2004). A Task-Cycling Pedagogy Using Stimulated Reflection and Audio-Conferencing in Foreign Language Learning. *Language Learning & Technology*, 8, 50-69.
- Marcelino, N. (1997). Pedagogia da animação. Belo Horizonte: Papyrus.
- Prensky, M. (2001). Digital Natives, Digital Immigrants. *On the Horizon*. MCB University Press. Vol. 9, No. 5, (October 2001).
- Prensky, M. (2012). From Digital Natives to Digital Wisdom: Hopeful Essays for 21st Century Education. Corwin.
- Raposo, A. (2012). Professores e contextos de trabalho: Como se tece a ação docente numa escola em mudança. Dissertação de Mestrado em Supervisão Pedagógica e Avaliação de Docentes da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Católica Portuguesa. Lisboa: Universidade Católica.
- Silva, A. F. M. D. (2010). O uso do vídeo no processo de ensino-aprendizagem: análise de vídeos em manuais escolares e percepções dos professores e alunos sobre as potencialidades pedagógicas do vídeo. Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação. Área de Especialização em Tecnologia Educativa apresentada ao Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho. Braga: Universidade do Minho.
- Torres, L. (2008). Modos de regulação cultural nas organizações escolares: um estudo sobre os perfis de liderança numa escola secundária. *Revista de Educação*, XVI: 77-96.
- Volpato, M. (2012). Dinâmica de produção de filmes por alunos muda a realidade na escola. Consultado em: <http://revistaescola.abril.com.br/gestao-escolar/video-bullying-642479.shtml>
- Wenden, A. (2002). Learner Development in Language Learning. *Applied Linguistics*, Vol. 23, 32-55.